

SER PAI DE UM PREMATURO: O VIVIDO DURANTE O PERÍODO GESTACIONAL

**GABRIELA BRAUN PETRY¹; JÉSSICA CARDOSO VAZ²; TUIZE DAMÉ HENSE³;
RUTH IRMGARD BÄRTSCHI GABATZ⁴; VIVIANE MARTEN MILBRATH⁵**

¹Universidade Federal de Pelotas – petrygabih@icloud.com

²Universidade Federal de Pelotas – jessica.cardosovaz@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tuize_@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – r.gabatz@yahoo.com.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – martenmilbrathviviane@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, estabelecida pelo Ministério da Saúde, em 2008, tem como objetivo implementar ações que entendam a realidade masculina dentro de seus contextos socioculturais e político-econômicos. Um dos principais focos desta política é a promoção de cuidados em saúde sexual e reprodutiva, encorajando a participação ativa dos homens no planejamento familiar e na prática de uma paternidade responsável. Participar das consultas de pré-natal e usufruir da licença paternidade é um direito e garante seu envolvimento efetivo durante a gestação e os primeiros momentos de vida do filho (BRASIL, 2008).

O desejo de se tornar pai pode ser motivado por uma série de fatores, incluindo o desejo de continuidade pessoal, a busca por significado na vida e o desejo de fortalecer o vínculo com a parceira (GONÇALVES; BOTTOLI, 2016). Segundo Heidegger (2015), o conceito de ser-no-mundo implica uma constante projeção em direção ao futuro, o que nos motiva a planejar e a nos preparar para o que está por vir. Assim, o período do pré-natal adquire um significado especial, sendo marcado por uma profunda expectativa.

A paternidade, por sua vez, envolve mudanças significativas na vida do homem, que se iniciam antes do nascimento do filho e inclui assumir novos papéis e responsabilidades (FREITAS et al., 2009). A participação ativa do homem durante o ciclo gravídico-puerperal é essencial para promover um envolvimento efetivo na parentalidade.

Durante a gestação, os pais planejam o nascimento e os primeiros contatos com o bebê, esperando um parto a termo e saudável. Contudo, quando o nascimento ocorre prematuramente, os pais frequentemente não estão preparados. A prematuridade é, na maioria das vezes, acompanhada por um sentimento de frustração nos homens pais (PARK; LEE, 2017).

Nessa perspectiva objetiva-se descrever o vivido do homem/pai de um prematuro durante o período gestacional.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho é um recorte da tese de doutorado intitulada “Compreensões do modo de ser-no-mundo do homem tornar-se pai de um prematuro”, atrelada ao Grupo de Estudo e Pesquisas em Pediatria e Neonatologia (GEPPNEO). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas pelo CAAE 52550621.7.0000.5316, sob o parecer número 5.084.936.

Trata-se de uma pesquisa fenomenológica, realizada com pais de recém-nascidos prematuros que estiveram internados em um Hospital Escola do

sul do Brasil, entre os meses de novembro de 2021 e fevereiro de 2022. As informações foram coletadas por meio da entrevista fenomenológica, após foram transcritas na íntegra com dupla conferência, e inseridas no programa webQDA (*Qualitative Data Analysis*), após foi realizada interpretação fenomenológica com base em Martin Heidegger.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo oito pais de recém-nascidos prematuros, com idades que variaram entre 26 e 50 anos. Todos os participantes estavam em união estável com a mãe do bebê, o que sugere uma estrutura familiar que pode favorecer o envolvimento emocional durante a gestação e o cuidado com o bebê.

Durante os depoimentos, foi possível perceber que os participantes, junto com suas companheiras, planejaram a gravidez e expressaram o desejo de se tornarem pais. Esse planejamento abrange tanto aspectos financeiros quanto médicos, refletindo uma abordagem cuidadosa e responsável em relação ao futuro que desejam construir juntos.

Observa-se que nas últimas décadas ocorreram diversas mudanças no papel paterno o que resultou em significativas transformações na sociedade. Tradicionalmente, o papel paterno era visto predominantemente como o provedor e disciplinador, com a sua principal função centrada em garantir a segurança financeira e transmitir regras e valores. No entanto, essa visão tem se transformado para um modelo mais equitativo e participativo, que reconhece e valoriza a importância da presença ativa e emocional dos pais na vida dos filhos (FREITAS et al., 2009).

As vivências dos homens influenciam no desejo de ser pai e na satisfação ao desempenhar esse papel, podendo ocorrer por meio de influência transversal durante a vida, ou seja, pela qualidade de participação, ou não, que possuíram com seus pais, a relação com a companheira/cônjuge e até mesmo através das experiências interpessoais, com amigos e colegas. Além disso, tais vivências refletem na forma que irão participar na gestação de sua esposa, período muito importante para a consolidação de sua identidade masculina (BOTAS, 2020).

Os participantes da pesquisa destacaram que durante a gestação interagiram com o filho através de conversas e toques na barriga, acompanhamento em consultas pré-natais, organização do quartinho e da mala maternidade. Segundo Soares (2015), as sensações que o feto provoca e a organização da sua espera, contribuem para a construção do bebê imaginado.

Os homens pais, desse estudo, reconhecem e manifestam o desejo de serem conhecidos pelo filho e sabem do valor disso para a criança e para a esposa. O cuidado envolve estar ativamente engajado e preocupado com o bem-estar do outro. No pré-natal, o pai começa a experimentar, vivenciar e praticar o cuidado de forma mais direta, por meio de ações concretas como o acompanhamento das consultas médicas, a preparação do ambiente para a chegada do bebê e o apoio à parceira (SOARES et al., 2015; GONÇALVES; BOTTOLI, 2016).

Durante a gestação, os pais planejam o nascimento a termo, saudável e os primeiros contatos com o recém-nascido. Em entrevista, alguns pais já sabiam das chances do nascimento pré-termo e ainda assim relataram experienciar ansiedade e imprevisibilidade em relação ao risco que a mãe e o bebê poderiam sofrer. O nascimento prematuro traz uma situação inesperada e desafiadora, e

evidencia a complexidade emocional que acompanha a chegada de um filho, especialmente em circunstâncias imprevistas (BRASIL, 2011).

A falta de preparo para lidar com a prematuridade pode estar associada ao medo da morte, dado que tanto o nascimento quanto a morte são eventos irreversíveis. Os pais geralmente não esperam enfrentar a possibilidade de perder um filho antes mesmo de seu nascimento. A percepção da finitude e das realidades existenciais do bebê levam o pai a reconhecer a vulnerabilidade do filho. De acordo com Gadamer (2009), viver sem uma perspectiva de futuro pode ser angustiante e Heidegger (2015) descreve a angústia como uma condição existencial que surge ao tomar consciência da própria finitude e da realidade do mundo.

Compreender o filho como um ser vulnerável e que pode morrer gera no ser humano angústia, que na perspectiva filosófica, significa muito mais que um sentimento em relação ao desconhecido. A angústia é uma situação existencial do ser humano, é quando ele percebe a sua existência finita e assume o fato de estar-aí no mundo (HEIDEGGER, 2015).

Nesse contexto, a realidade do nascimento prematuro apresenta uma situação inédita para o pai, gerando medo e receio. Essa vivência faz com que o pai perceba o filho como um ser finito, exigindo um redimensionamento no seu modo de ser-no-mundo para conseguir adaptar-se à situação. O pai enfrenta um momento de incompreensão frente ao nascimento prematuro, o que altera significativamente o futuro que ele e a mãe haviam planejado, desestruturando suas expectativas. A angústia vivenciada pelo pai desperta dúvidas sobre sua própria existência, confrontando uma realidade que difere de seus sonhos e expectativas. Sendo assim, o pai passa por uma transformação em sua visão de mundo, ressignificando a sua existência, traçando um novo caminho marcado pela finitude e austeridade (FREITAG; MILBRATH; MOTTA, 2020).

Nesse contexto, os profissionais de saúde são fundamentais para minimizar os sentimentos negativos vivenciados pelo homem pai e ajudá-lo a viver a experiência do nascimento do filho. O estudo de Schmidt et al. (2012) enfatiza a importância do momento da primeira visita dos pais ao filho internado na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, como um momento enriquecedor para o início da interação enfermeiro-família, já que, em geral, é o primeiro profissional a recepcionar e apoiar os pais de forma acolhedora e afetuosa.

Dessa maneira, o enfermeiro pode reconhecer e atender as necessidades da família, realizar escuta ativa para desmistificar medos e receios, informar as rotinas e envolver os pais nos cuidados ao filho. O envolvimento precoce dos homens pais no cuidado do bebê prematuro é essencial para criar e fortalecer o vínculo afetivo. Assim, destaca-se a importância da assistência dos profissionais de saúde ao pai do prematuro, visando entender os fatores que facilitam e dificultam sua participação e valorização no cuidado ao filho (GARTEN, 2011).

4. CONCLUSÕES

A transformação do papel do pai nas últimas décadas reflete uma mudança significativa nos valores e práticas sociais, com um movimento crescente em direção a uma paternidade mais envolvente e emocionalmente disponível. Tradicionalmente visto como o provedor e disciplinador, o pai moderno é cada vez mais reconhecido por sua importância na participação ativa e no cuidado diário dos filhos, desde o período gestacional até o desenvolvimento contínuo da criança.

A descoberta da gravidez e a vivência do nascimento prematuro revelam aspectos profundos da paternidade, desafiando os homens pais a enfrentar medos e ansiedades relacionados à vulnerabilidade e à finitude da vida. Este processo exige dos pais uma ressignificação de sua existência e papel, com um reconhecimento das novas realidades e expectativas.

A atuação dos profissionais de saúde torna-se crucial nesse contexto, oferecendo apoio emocional e informações essenciais que ajudam os pais a se adaptarem e a se engajarem ativamente no cuidado do bebê, promovendo assim o fortalecimento do vínculo afetivo e a construção de uma paternidade mais consciente e participativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTAS, E. M. M. P. C. **Ser pai: as relações na vivência da parentalidade – um estudo qualitativo**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Psicologia, Universidade Federal de Évora.
- ARRIF, L. D. T. K.; BORTOLIN, D.; TABACZINSKI, C. Prematuridade e paternidade: um estudo de revisão sistemática. **Revista de Psicologia**, v. 11, n. 3, p. 125–135, 2020. DOI: 10.36517/revpsiufc.11.1.2020.9.
- FREITAG, V.L.; MILBRATH, V.M.; MOTTA, M.G.C. Tornar-se mãe de uma criança com paralisia cerebral: sentimentos vivenciados. **Psicologia em Estudo** [online]. 2020, v. 25, e41608. Doi: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.41608>.
- FREITAS, W. M. F. et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 85–90, fev. 2009.
- GADAMER, H.G. **Verdade e Método II: complementos e índices**. 4º ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GARTEN, L. et al. Pilot study of experiences and needs of 111 fathers of very low birth weight infants in a neonatal intensive care unit. **Journal of Perinatology**, v. 33, n. 1, p. 65–69, jan. 2013.
- GONÇALVES, L.S.; BOTTOLI, C. Paternidade: A construção do desejo paterno. **Barbarói**, n.48, p.185-204, 2016. Doi: 10.17058/barbaroi.v0i48.7566
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 10^a ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Política nacional de atenção integral à saúde do homem: princípios e diretrizes**. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2008.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Atenção humanizada ao recém-nascido de baixo peso**: Método Canguru. 2. ed. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_humanizada_recem_nascido_canguru.pdf. Acesso em: 11 set. 2024.
- PARK, J. E.; LEE, B. S. A. Experience of Becoming a Father of a High Risk Premature Infant. **Journal of Korean Academy of Nursing**, v. 47, n. 2, p. 277–288, 2017. DOI: 10.4040/jkan.2017.47.2.277.
- SCHMIDT, K. T. et al. The first visit to a child in the neonatal intensive care unit: parents' perception. **Esc Anna Nery**, v. 16, n. 1, p. 73–81, jan./mar. 2012.
- SOARES, R. L. S. F. et al. Ser pai de recém-nascido prematuro na unidade de terapia intensiva neonatal: da parentalidade à paternidade. **Esc Anna Nery**, v. 19, n. 3, p. 409–416, 2015.